

# A NÃO CONFLUÊNCIA DA TEORIA DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES COM A IDEIA DAS RAZÕES SEMINAIS DE SANTO AGOSTINHO

## *THE NON-CONFLUENCE OF THE THEORY OF EVOLUTION OF SPECIES WITH THE IDEA OF THE SEMINAL REASONS OF SANTO AGOSTINHO*

*Paulo Eduardo Benetti de Arruda<sup>1</sup>*

**Resumo:** A Teoria da Seleção Natural de Charles Darwin em 1859, também conhecida popularmente como a Teoria da Evolução das Espécies é a ideia mais profunda e abrangente dos últimos três séculos, além de causar discussões nos meios acadêmicos dos cursos de filosofia e teologia, defendendo a ideia de que as criaturas foram se desenvolvendo ao longo do tempo através do mecanismo da seleção natural e não pela ideia de que Deus as fez de maneira fixada, onde o próprio Criador rege sua criação. O presente artigo buscou explicitar de maneira clara e objetiva através de pesquisas bibliográficas e de artigos que a Teoria da Evolução das Espécies apresenta divergências em relação a doutrina das Razões Seminais de Santo Agostinho. As conclusões tiradas foram que as ideias de ambos os autores divergem realmente, pois Agostinho explica o surgimento de novas espécies de uma forma totalmente teísta, onde, segundo ele, não há um surgimento de novas espécies, pois a criação de todos os seres foi feita em um único momento. Sendo assim, há somente uma administração da primeira criação, onde uma das formas de se reger a criação são as Razões Seminais, cujo princípio é que Deus colocara “sementes” de potencialidade nos seres a fim de serem atualizados ao longo do tempo de acordo com a sua vontade. Já a Seleção Natural de Darwin propõe que a natureza seleciona as espécies mais aptas ao ambiente. Consequentemente, esta adaptabilidade é o que gera o que chamamos de evolução das espécies.

**Palavras-chave:** Razões Seminais. Teoria da Evolução. Seleção Natural. Criação Darwin. Santo Agostinho.

**Abstract:** Charles Darwin's Theory of Natural Selection in 1859, also popularly known as the Theory of the Evolution of Species, is the most profound and comprehensive idea of the last three centuries, in addition to causing discussions in the academic circles of philosophy and theology courses, defending the idea that the creatures were developed over time through the mechanism of natural selection and not by the idea that God made them in a fixed way, where the Creator himself rules his creation. This article sought to make it clear and objective through bibliographic research and articles that the Theory of the Evolution of Species presents divergences in relation to the doctrine of the Seminal Reasons of Saint Augustine. The conclusions drawn were that the ideas of both authors really diverge, since Augustine explains the emergence of new species in a totally theistic way, where, according to him, there is no emergence of new species, because the creation of all beings was made in a single moment. Therefore, there is only one administration of the first creation, where one of the ways of governing creation is the Seminal Reasons, whose principle is that God had placed “seeds” of potentiality in beings in order to be updated over time according to your will. Darwin's Natural Selection proposes that nature selects the most suitable species for the environment. Consequently, this adaptability is what generates what we call the evolution of species.

**Keywords:** Seminal Reasons. Theory of Evolution. Natural Selection. Darwin Creation. Saint Augustine.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Campus de Assis; graduando em Teologia pela FAJOPA - Marília. E-mail: but.paulo2.0@gmail.com

## **Introdução**

A Teoria da Evolução das Espécies edificada pelo naturalista inglês Charles Darwin em 1859, é a ideia mais profunda e holista dos últimos três séculos.

Também é um dos assuntos que causam discussões nos meios acadêmicos, principalmente nos cursos de filosofia e teologia, por se tratar de hipóteses que muitas vezes vão de encontro com as doutrinas e ensinamentos religiosos, por defender a ideia de que as criaturas foram se desenvolvendo ao longo do tempo sofrendo seleções causadas por fatores ambientais e genéticos, evoluindo assim suas características e transmitindo-as as próximas gerações, e não pela ideia de que Deus as fez de maneira acabada, na qual o próprio Criador administra sua criação.

A evolução é o conceito mais importante da Biologia. (MAYR, 2009, p. 13). Contudo, este conceito vai muito além da própria disciplina, podendo ser testado nas diferentes áreas de conhecimento, sendo uma delas a Filosofia, justamente pelo fato de que esta busca cada vez mais o conhecimento da verdade, do saber. Sendo assim, é possível buscar confluência entre os conceitos científicos e filosóficos. Raros são os artigos filosóficos que buscam esta união da Biologia com a Filosofia, principalmente em assuntos muito específicos, como é o caso presente neste artigo.

Porém, algumas teorias não entram em acordo com os pensamentos filosóficos de alguns autores, pois existem divergências em ambas as ideias apresentadas, como o assunto a ser tratado no presente artigo.

Com isto, este artigo busca explicar, através de pesquisas bibliográficas e de artigos, por que a Teoria da Evolução das Espécies não está de acordo com a Ideia das Razões Seminais de Santo Agostinho, o qual considera que estas são as razões segundo as quais certas criaturas, foram pré-formadas por Deus no ato da criação, a medida que seus efeitos ou mudanças já estavam implícitos em suas “razões”. (MORA, 2004, p. 2467).

### **1. O Surgimento do Evolucionismo e a Teoria da Seleção Natural**

Com a Revolução Científica do Século XVII, muitos experimentos começaram a entrar em contraponto com os textos bíblicos. Através destes fatos, a credibilidade da versão bíblica da criação foi gradualmente enfraquecida por uma sequência de

descobertas, como a Revolução Copernicana, as descobertas de geólogos nos séculos XVII e XVIII sobre a antiguidade da Terra, a descoberta de fósseis e demais revelações. (MAYR, 2009, p. 18). Estas descobertas abalaram as crenças sobre a constância e a permanência da criação e a constância do mundo.

Embora tivesse surgido uma teoria completa da evolução, proposta por Lamarck em 1809, uma visão de mundo mais ou menos bíblica prevaleceu até 1859, fornecendo uma resposta simples para todas as questões sobre o mundo: Deus o havia criado e o projetara de forma tão sábia que todos os organismos estavam perfeitamente adaptados a seus lugares na natureza. (MAYR, 2009, p. 18).

No final, as provas de que o mundo não é constante se tornaram tão fortes que não podiam mais ser negadas, ocorrendo então o surgimento de uma nova visão de mundo, a qual afirma que o mundo é muito antigo e está sempre em mudança, em constante evolução. Mas, o conceito de evolução foi a princípio rejeitado, pois o poder do dogma fundamentalista cristão era tão massivo que foi necessário uma longa série de acontecimentos para que esta ideia fosse aceita. (MAYR, 2009, p. 19).

A evolução passou a significar a mudança do simples para o complexo, do inferior para o superior. Evolução, de fato, era mudança, mas que parecia ser direcional, uma alteração rumo a uma perfeição maior, como se dizia na época, e não uma mudança cíclica como as estações do ano ou irregular como as épocas glaciais ou o clima. (MAYR, 2009, p. 20).

Esta questão foi muito desenvolvida, mesmo que Darwin já soubesse a resposta. Após muito tempo, durante a síntese evolucionista, surgira um consenso: “Evolução é a mudança das propriedades de populações de organismos ao longo do tempo”. (MAYR, 2009, p.20; CAMPOS et al., 2013, p. 16).

O pensamento evolucionista se disseminou durante a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, não apenas na biologia, mas na linguística, na filosofia, na sociologia, na economia e em outros ramos do pensamento. Mesmo assim, permaneceu por um longo tempo como um ponto de vista minoritário. A substituição de uma visão estática do mundo pelo evolucionismo ocorreu bruscamente, com a publicação do livro *A origem das espécies*, de Charles Darwin, no dia 24 de novembro de 1859. (MAYR, 2009, p. 20).

Darwin mais do que postular e evidenciar a evolução também apresentou uma explicação da mesma, a qual não se baseava em poderes ou forças sobrenaturais mas sim por meio de fenômenos e processos que podiam ser vistos durante o dia a dia na natureza. (MAYR, 2009, p. 20).

De 1831 a 1836, Darwin viajou através dos continentes a bordo do navio HMS Beagle, viajando a América do Sul e os arquipélagos do Oceano Pacífico, dedicando a sua vida a observações, experiências e fatos com o objetivo de compreender a adaptação dos organismos e sua evolução.

Após 20 anos de estudo, finalmente em 1859 publica *A Origem das Espécies pela Seleção Natural*, sustentando categoricamente que as espécies se originam da seleção, pelo ambiente, das mais aptas entre as variações hereditárias existentes. (REALE; ANTISERI, 2005c, p. 344). E mais: “Em outras palavras, a evolução pode ser vista como uma série de adaptações, cada qual adquirida ou descartada por determinada espécie sob a pressão do processo de seleção, durante longo período de tempo”. (REALE, 2005c, p. 344).

A capacidade de Darwin de observar fatos relevantes e formular as perguntas a serem respondidas, deu a ele a possibilidade de realizar descobertas científicas e a desenvolver conceitos tão originais. (MAYR, 2009, p. 21). Dentre estes conceitos se encontra a própria Seleção Natural:

Chamei de seleção natural o princípio de preservação ou de sobrevivência do mais apto. Ele conduz ao aperfeiçoamento de cada criatura em relação às condições orgânicas e inorgânicas de vida; e em consequência, na maioria dos casos, ao que deve ser considerado como um avanço da organização [...] A seleção natural conduz também à divergência de caracteres; pois quanto mais os seres orgânicos divergem em estrutura, hábitos e constituição. (DARWIN, 2014, p.158; 159).

Darwin baseou suas provas da Teoria da Evolução pela seleção natural em cinco tipos que são: a hereditariedade e a criação (domesticação), a distribuição geográfica, os fósseis, a afinidade recíproca entre os seres vivos (relações biológicas) e a embriologia e os órgãos rudimentares. (REALE; ANTISERI, 2005c, p. 344).

Com estas descobertas, postulou que o processo de surgimento de várias espécies deriva primeiramente de um ancestral comum, e que seus consequentes aperfeiçoamentos partem de fatores, os quais ele chamou de variantes, como o clima, a disponibilidade de alimento, a morfologia dos animais, a competição entre as espécies, as variantes genéticas, entre outros fatores.

Assim sendo, a seleção natural atua e seleciona os mais aptos para habitarem em determinado ambiente naturalmente. Isto se contrapõe a teoria criacionista de que Deus criou tudo de maneira acabada onde este simplesmente administra e conduz a criação.

Portanto, da guerra da natureza, da carestia e da morte nasce a coisa mais elevada que se possa imaginar: a produção dos animais mais elevados. Há algo de grandioso nessa concepção da vida, com suas múltiplas capacidades, que inicialmente foi dada a poucas formas ou a uma só forma, mas que, enquanto o planeta continuava girando segundo a imutável lei da gravidade, evoluiu e evolui, partindo de começos tão simples, a ponto de criar infinitas formas, extremamente belas e maravilhosas. (DARWIN, 2014, p. 554).

## **2. A Doutrina das Razões Seminais e sua visão em Santo Agostinho**

O termo razões seminais, que provém do grego e traduzido para o latim como *rationes seminales*, foi empregado primeiramente pelos estoicos. Segundo eles, o mundo e as coisas do mundo nascem da única matéria-substrato qualificado, pouco a pouco, pelo *logos* imanente que é, este também, uno, mas capaz de diferenciar-se nas infinitas coisas. Conclui-se que o *logos* é como o sêmen de todas as coisas, é como um sêmen que contém muitos sêmens (*logoi spermatikói*). (REALE; ANTISERI, 2005a, p. 285).

Os Estoicos afirmam que Deus é inteligente, fogo artífice, que metodicamente procede à geração do cosmo e que inclui em si *todas as razões seminais*, segundo as quais as coisas são geradas segundo o fado. Deus é [...] a *razão seminal* do cosmo. (REALE; ANTISERI, 2005a, p. 285).

Com estas ideias, podemos notar que as Ideias platônicas e as formas aristotélicas estão assumidas em um único *logos*, que se apresenta em infinitos sêmens criativos, forças ou potências germinativas que agem no interior da matéria, implícitos à estrutura da matéria a ponto de serem inteiramente inseparáveis dela. (REALE; ANTISERI, 2005a, p. 285). Ademais, “O universo inteiro é assim como que um único grande organismo, no qual o todo e as partes se harmonizam e ‘simpatizam’, ou seja, sentem em correspondência uma com a outra e em correspondência com o todo (doutrina da ‘simpatia’ universal)”. (REALE; ANTISERI, 2005a, p. 285).

Posteriormente, Plotino aderiu a ideia dos estoicos sobre as razões seminais, declarando que “a alma governa o universo segundo a razão”. (MORA, 2004, p. 2466). Assim, “na alma residem as razões seminais, e estas razões obrigam os seres a ser os melhores possíveis ao moldá-los, mas seus defeitos estão em potência nas razões e em ato nos seres engendrados”. (MORA, 2004, p. 2466).

O que diferencia Plotino dos Estoicos é que o primeiro apresenta a ideia de que as coisas são as mesmas que eram em potência nas razões seminais. Já os estoicos ratificam

que as coisas advêm de maneira concomitante tanto da matéria quanto das razões seminais. (MORA, 2004, p. 2466). Disso decorre que “a matéria ‘agita os elementos derivados das razões seminais’ como se quisesse adulterar a obra que estas produzem, mas no fim a matéria é dominada pela alma de modo que ‘de todas as coisas resulta uma ordem única’”. (MORA, 2004, p. 2467).

Estas ideias das razões seminais foram aceitas nos pensamentos filosófico e teológico cristãos com algumas modificações, sendo o maior expoente desta doutrina o Bispo de Hipona, Santo Agostinho.

De acordo com Santo Agostinho, todas as coisas foram feitas ao mesmo tempo, justamente pelo fato de Deus ser atemporal. De acordo com esta afirmação, seria inviável criar em vários momentos temporais distintos. (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 15). Agostinho declara que as Ideias (Verbo de Deus) possuem um papel essencial na criação, sendo esta, um pilar absolutamente fundamental pois está intrinsecamente vinculada à doutrina da criação. (REALE; ANTISERI, 2005b, p. 95).

Deus, com efeito, criou o mundo conforme a razão e, portanto, criou cada coisa conforme um modelo que ele próprio produziu como seu pensamento, e as Ideias são justamente estes pensamentos-modelo de Deus, e como tais são a verdadeira realidade, ou seja, eternas e imutáveis, e por participação delas existem todas as coisas. (REALE; ANTISERI, 2005b, p.95).

Entretanto, é inevitável o aparecimento de criaturas de várias ordens que são catalogadas como novas espécies para o homem. Como solução para estes impasses, Agostinho desenvolve a tese das Razões Seminais.

Como esta doutrina já fora desenvolvida antes pelos filósofos estoicos e por Plotino em sua metafísica, Agostinho utilizou um ponto de vista diferente, explicando o porquê do surgimento de criaturas desconhecidas ao homem. (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 15). A criação do mundo ocorre de modo simultâneo. Mas Deus não cria a totalidade das coisas possíveis como já concretizadas: ele insere no criado as “sementes” ou “germes” de todas as coisas possíveis, as quais, posteriormente, ao longo do tempo, desenvolvem-se pouco a pouco, de vários modos e com o concurso de várias circunstâncias.

*Em suma: juntamente com a matéria, Deus criou virtualmente todas as possibilidades de sua concretização, infundindo nela, precisamente, as razões seminais de cada coisa. A evolução do mundo ao longo do tempo outra coisa não é que a concretização e a realização de tais*

“razões seminais” e, portanto, um prolongamento da ação criadora de Deus. (REALE; ANTISERI, 2005b, p. 96).

O Pensador de Hipona desenvolveu esta doutrina pois se deparara com uma contradição em dois textos bíblicos: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, descansou de toda obra que fizera” (Gn 2, 2) e, “Mas Jesus lhes respondeu: meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho”. (Jo 5, 17).

Em sua obra Comentário Literal ao Gênesis, Agostinho afirma que o “descansou” significa que Deus completou a obra criacional e não cria mais nenhuma espécie de criatura. Entretanto, isto não confirma que a criação obteve total autonomia perante Deus, por que Ele não cessa de governa-la, justificando o seu trabalhar até agora. (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 16).

Deus descansou da criação das espécies das criaturas, porque não criou depois espécie alguma nova, mas dali em diante até agora e doravante administra as espécies que então foram instituídas. Por isso, seu poder não cessou, mesmo no sétimo dia, no governo do céu e da terra e de todas as coisas que criara, pois, do contrário, em seguida se desfariam. (*De gen. ad. litt.* IV, 12, 22).

É nesta fase das obras de Deus que estão contidas as Razões Seminais. Enfim, mesmo Deus tendo criado todas as criaturas ao mesmo tempo, algumas criou completas como os anjos, a terra, o ar, o fogo, os astros, e outras incompletas, em formas de potencias germinativas que brotariam e se tornariam completas no devido tempo (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 16). Portanto, “afirmou-se então que a terra produziu de modo causal as ervas e as árvores, ou seja, que recebeu a virtude de produzir. Pois nela, como que nas raízes dos tempos, por assim dizer, tinham sido feitas as coisas que existiriam durante os tempos futuros”. (*De gen. ad. litt.* V, 4, 11).

Conclui-se nestas afirmações que Deus não produz nenhuma nova criação, porém gere esta que já fora criada, utilizando as Razões Seminais como uma das maneiras<sup>†</sup> para gerir a criação.

Portanto, as novas coisas que surgem no seio da natureza não são novas criaturas, tampouco surgem por acaso, mas fazem parte da criação inicial de Deus e, embora brotem no decorrer do tempo, já existiam no conjunto das criaturas em potencial como Razões Seminais, que, no grego, significa sementes e como elas simbolizam pura potencialidade,

---

<sup>†</sup> A segunda maneira de administrar a criação seria através das Razões Causais, que nada mais são do que a potencialidade ontologicamente inserida em cada criatura, fazendo-a se desenvolver segundo o tempo determinado. Estas Razões Causais se estendem à totalidade da criação, diferente das Seminais, que se referem apenas a algumas criaturas (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 18-19).

Deus, no ato de sua criação, criou algumas criaturas em potência, para atualizá-las no devido tempo. (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 17).

Complementando este trecho, Santo Agostinho diz que as Razões Seminais são criaturas de diversas espécies, criadas incompletas e oculta aos olhos, feitas para se desenvolverem, tornando-se completas no decorrer do tempo conforme a vontade do Criador (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 17).

As coisas existem de um modo no verbo de Deus: ainda não foram feitas, mas são eternas, e de outro modo nos elementos do mundo: todas elas foram feitas ao mesmo tempo, e são futuras [...]. De outro modo, nas sementes, originadas das coisas ou existiram segundo as causas primordiais [...]. Receberam as leis e as ações de seu tempo; e apareceram em formas e naturezas visíveis por razões ocultas e invisíveis que estão latentes nas criaturas. (*De gen. ad. lit.*, VI, 10, 17).

### **3. A não confluência da Seleção Natural com as Razões Seminais**

Analisando a Teoria da Evolução das Espécies pela Seleção Natural e a doutrina das Razões Seminais podemos notar que existe entre elas uma contradição de ideias em relação ao surgimento das novas espécies e de seu desenvolvimento até chegarem ao que conhecemos hoje.

De acordo com Santo Agostinho, não temos uma criação continuada por que toda ela foi feita em um único momento, havendo não a criação de novas criaturas, mas sim a administração da única criação. Com as Razões Seminais, Agostinho explica de maneira totalmente teísta tanto o surgimento de novas criaturas, como a evolução destas ao longo do tempo. (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 19).

O teor teísta do Bispo de Hipona é que impede de unir estas proposições com a Teoria da Evolução das Espécies, pois de acordo com Darwin, as espécies evoluem de maneira gradual através das pressões sofridas do ambiente em que habitam, ou seja, clima, disponibilidade de alimento, alterações do habitat, fatores embriológicos, competição entre as espécies, etc. o que provoca a chamada Seleção Natural, provocando assim a permanência e conseqüente surgimento de novas espécies ou a extinção destas.

[...] em consequência, à Seleção Natural, acarretando Divergência de Caráter e Extinção das formas menos aperfeiçoadas. Assim, da guerra da natureza, da fome e da morte, forma-se diretamente o mais elevado objeto que sé capaz de conceber, ou seja, a produção de animais superiores. (DARWIN, 2014, p. 554).

Darwin propõe que a natureza seleciona as espécies mais aptas ao ambiente. Consequentemente, esta adaptabilidade é o que gera o que chamamos de evolução das espécies. Partindo de um ancestral comum, portanto simples em sua estrutura, as espécies através dos fatores ambientais e genéticos são selecionadas pelo ambiente e assim começam a constituir estruturas cada vez mais complexas que lhes dão melhor aptidão para suportar e sobreviver as pressões ambientais presentes em seus habitats, caminhando assim à perfeição, o que contrapõe a ideia teísta de Santo Agostinho sobre a criação feita por Deus e sua administração desta. “Assim, podemos olhar com certa confiança para um futuro seguro e bastante longo; e, como a seleção natural trabalha somente pelo e para o bem de cada indivíduo, todos os dons mentais e corporais tendem a progredir em direção à perfeição”. (DARWIN, 2014, p. 553). E ainda: “Essas leis, tomadas em seu sentido mais amplo, são as leis do Crescimento com Reprodução; Herança que é quase decorrência da reprodução; Variabilidade, pela ação direta e indireta das condições de vida, do uso e desuso; um índice de Aumento tão alto que leva à Luta pela Vida [...]”. (DARWIN, 2014, p. 554).

### **Considerações finais**

Conclui-se que embora o tema abordado pelas duas ideias esteja em confluência, a execução de cada proposta se diverge, principalmente pelo modo de como cada teoria ou doutrina se compõe.

Percebe-se que Santo Agostinho através das Razões Seminais não estava querendo produzir uma teoria evolutiva, pois esta doutrina explicita uma das maneiras que Deus organiza e administra a criação, o que é contrário ao pensamento de Darwin que conclui que o ambiente, através de suas leis naturais, seleciona os mais aptos a sobreviverem e transmitirem suas características a seus descendentes, originando assim novas espécies que são aperfeiçoadas a cada período de tempo.

Vale também lembrar que Santo Agostinho desconsidera a geração de novas espécies ou até mesmo mutações, pois isto seria incompatível com sua herança platônica, que prevê a fixidez das espécies criadas segundo os projetos eternos do verbo de Deus (COSTA; BRANDÃO, 2007, p. 21).

## **Referências**

- AGOSTINHO. Comentário Literal ao Gênesis. In: *Comentário ao Gênesis*. Trad. de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-498. (Coleção Patrística, n. 21).
- CAMPOS, R; et al. *Um Livro sobre Evolução*. CIBIO, Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos. Porto: Eseb, 2013.
- COSTA, M; BRANDÃO, R. A Teoria da Criação, segundo Santo Agostinho. *Ágora Filosófica*, Pernambuco, Ano 7, n. 1, p. 7-26, jan./jun. 2007.
- DARWIN, C. *A Origem das Espécies*. Tradução de Carlos Duarte e Ana Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- MAYR, E. *O que é a evolução*. Tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi e Sergio Coutinho de Biasi. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- MORA, P. C.F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo IV (Q-Z). 2. Ed. São Paulo. Loyola, 2004.
- REALE, G.; ANTISERI, D. *História da Filosofia: filosofia pagã antiga*. v.1. São Paulo: Paulus, 2005a. (Coleção História da Filosofia).
- \_\_\_\_\_. *História da Filosofia: patrística e escolástica*. v.2. São Paulo: Paulus, 2005b. (Coleção História da Filosofia).
- \_\_\_\_\_. *História da Filosofia: do romantismo ao empiriocriticismo*. v.5. São Paulo: Paulus, 2005c (Coleção História da Filosofia).

*Recebido em: 12/05/2021*  
*Aprovado em: 30/09/2021*